

PEDRO ANDRADE

pjoandrade@gmail.com

CECS/UNIVERSIDADE DO MINHO

A CIDADE INTERDIMENSIONAL E AS PRÁTICAS PÚBLICAS QUOTIDIANAS

RESUMO

O presente texto visa relacionar uma visão interdimensional da urbe com algumas das suas práticas quotidianas concretas, como o beber em público. De facto, as ações diárias dos atores sociais, se bem que se encontrem parcialmente determinadas pelas estruturas e instituições sociais que subjazem a uma situação social, igualmente condicionam, menos ou mais intensamente, essas instâncias abstratas do social. E um tal processo passa-se, em grande parte, através da mediação do espaço público urbano, onde o público e o privado se encontram e defrontam.

Para tal, uma reflexão teórica preliminar articula as paisagens sociais interdimensionais à história da cidade. Em seguida, as dimensões sociais da vizinhança são consideradas e interpretadas nas diversas dimensões societais. Finalmente, fornece-se uma ilustração de uma prática de vizinhança concreta, o beber público na urbe.

PALAVRAS-CHAVE

Interdimensionalidade da urbe; história da cidade; espaço público urbano; beber em público

INTRODUÇÃO: PAISAGENS INTERDIMENSIONAIS E HISTÓRIA DA CIDADE

Revela-se importante situar as várias configurações da urbe relativamente a contextos sócio-históricos mais abrangentes. Na Tabela 1, na coluna da esquerda circunscrevemos diversos regimes interdimensionais de sociedade ocorrentes na História. Esta tipologia sintética articula-se à classificação operada por David Gordon (1984), que escalona a história urbana mundial de acordo com três fases principais (coluna da direita na Tabela 1).

Em primeiro lugar, a etapa da *cidade comercial* estende-se até meados do século XIX. Nesse período, os mercadores representantes do capitalismo comercial vendem as mercadorias produzidas por outros agentes sociais, provocando uma competição acesa entre cidades comerciais rivais. As diferenças de classes e de rendimentos tornam-se paulatinamente mais visíveis, especialmente no tecido urbano diário. Esta fase corresponde, grosso modo, ao modo de produção medieval e aos inícios do M.P. capitalista na sua fase concorrencial.

Em segundo lugar, na fase da *cidade industrial*, de 1850 a 1870, o capital acumulado naquele comércio é reinvestido na indústria, que se radica nomeadamente no espaço urbano. As unidades produtivas encontram-se sucessivamente subsidiárias de uma racionalização crescente do trabalho, organizado por tarefas uniformizadas. Para a sua execução, torna-se cada vez mais necessário operários não-qualificados ou semi-qualificados. Esta não-especialização ou especialização económica limitada suscita, por assim dizer, uma espacialização social. Dito de outro modo, assiste-se, segundo aquele autor, a uma segregação profunda dos espaços urbanos, como a separação das áreas fabris e residenciais operárias a elas associadas, em territórios delimitados. Para além disso, surgem as áreas que albergam minorais étnicas. Estas reorganizações do espaço social urbano são complementares aos zonamentos por classes sociais, substituindo as distribuições espaciais por profissões, características da Idade Média. Um tal período coincide com a etapa do capitalismo monopolista nos seus primórdios, ou seja, a fase de dominação dos monopólios capitalistas privados, e ainda não a conjuntura de hegemonia do capitalismo monopolista de Estado.

Num terceiro passo, que medeia entre 1898 e 1920 até hoje, o crescimento desmesurado das organizações supranacionais, mas também o aumento dos conflitos sociais, suscita a decadência das cidades industriais clássicas e o advento da *cidade empresarial*. Um dos seus traços é o transbordo das cidades para as regiões metropolitanas. Este processo não é causado, propriamente, pelas inovações tecnológicas, segundo Gordon (1984), mas apresenta-se, mais profundamente, enquanto réplica por parte dos empresários ao aumento de greves e outros conflitos sociais. Com efeito, investindo na construção de habitações nos subúrbios da cidade, os industriais do imobiliário descentralizaram a implantação espacial das populações trabalhadoras, o que dificultava a sua ação política conjunta. Outro atributo da cidade empresarial é o crescimento dos centros de negócios urbanos, devido ao aumento de poder dos monopólios. Esta

etapa sobrepõe-se, em parte, à fase mais recente de desenvolvimento do capitalismo.

Embora Gordon (1984) não esclareça possíveis alternativas utópicas de espaços urbanos, parece-nos que eles poderão ser construídos a partir da definição de utopia que for empreendida. Existem duas concepções principais de utopia, derivadas da etimologia grega: de um lado, a *ou-topos* significa um ‘não-lugar’; de outro lado, a *eu-topos* quer dizer ‘bom lugar’, ‘lugar ideal’. A meu ver, a primeira revela-se mais promissora, na medida em que não se trata de um lugar eivado de um presente contínuo e estagnante, se bem que agradável – uma espécie de fim da História, ao estilo de Fukuyama (1992) – mas um espaço urbano aberto aos significados emancipatórios propostos pelos cidadãos, em vista à edificação de uma cidade cujos sentidos se conferem e diferem incessantemente.

REGIME INTERDIMENSIONAL DE SOCIEDADE	URBANIZAÇÃO
sociedades pré-capitalistas (comunismo primitivo / regime comunitário / artesanal / escravagista / medieval / asiático: Pré-História, Antiguidade e Idade Média, até meados do século XV)	cidade comercial
sociedades capitalistas e modernas (etapas: capitalismo concorrencial-liberal, desde meados do século XV, correspondente à emergência da economia-mundo; capitalismo organizado, em duas fases: o capitalismo monopolista, iniciado sensivelmente nas crises económicas de 1870, e o capitalismo monopolista de Estado, desde a crise de 1929)	cidade industrial / metrópole
sociedades capitalistas e modernas (etapa do capitalismo desorganizado e do pós-fordismo, desde meados dos anos 70)	cidade empresarial / global
sociedades pós-capitalistas (socialista / estatal / utópica)	cidade ou-tópica

Tabela 1: A interdimensionalidade do social na História: a meta-dimensão espacial e, no seu interior, a zona da cidade

DIMENSÕES SOCIAIS DA VIZINHANÇA

Detenhamo-nos agora num fenómeno relevante nas nossas cidades atuais, os *processos de vizinhança*, que ajudam a reformular o entendimento das relações sociais globais no seio do espaço local urbano do quotidiano. No *plano histórico*, as políticas de planeamento, as forças económicas e as tendências da arquitetura têm privilegiado, nas últimas décadas, as

áreas suburbanas das grandes cidades, como espaço e modo dominantes de habitação.

Resta saber se este modelo será apropriado para as mudanças económicas, demográficas e sociais que se desenvolvem no século XXI (Rudlin & Falk, 1999).

Com efeito, a globalização induz transformações determinantes nos ambientes natural e social: as relações humanas passam-se doravante entre todo o globo, produzindo uma “vizinhança planetária” (Commission on Global Governance, 1995).

Na *esfera sócio-económica*, a assistência social orientada para as vizinhanças permite um contacto mais direto com as comunidades locais (Henderson & David, 2002).

Em *termos políticos*, os programas de renovação das comunidades e vizinhanças adotam estratégias inter-setoriais, para lidar com problemas polivalentes, relativos simultaneamente a infra-estruturas, questões sociais, estratégias de habitação e solidariedade social (Alterman & Goran, 1991). Os próprios cidadãos tomam frequentemente em mãos a reestruturação das suas localidades deterioradas, onde a paisagem mistura, por vezes, habitações degradadas, antigas fábricas e troços de auto-estradas. O objetivo é revalorizar a zona, para atrair novos investimentos e empregos (Greenberg, 1999). Forma-se assim um poder localizado, por vezes quase coincidente com a rua (Ekern, 1998). Nesses ambientes urbanos, os líderes locais podem adquirir uma relevância assinalável (Vasoo, 1994).

Na *dimensão dos níveis*, as sub-classes encontram apoio para a sua situação desfavorável essencialmente no ambiente social das vizinhanças locais, onde existem redes de entajuda e solidariedade social relativamente estruturadas (Simon & Burns, 2000). É muitas vezes através deste contexto de assistência local que os imigrantes se integram na cidade globalizada pós-industrial e pós-moderna, embora, por vezes, o relativo isolamento das vizinhanças reforce a sua marginalização (Body-Gendrot, 2000). O próprio Estado serve-se das redes sociais de vizinhos existentes, para aí implementar as suas políticas sociais, como o apoio à infância ou à terceira idade (Baldwin & Carruthers, 1998; Walker & Warren, 1990).

UM EXEMPLO DE PRÁTICA DE VIZINHANÇA: BEBER NA URBE

Observemos, nos próximos parágrafos, como se inserem os estabelecimentos de bebidas no espaço social urbano, no passado e no presente, em alguns países ocidentais.

Em Inglaterra, a taberna tomou o nome de *public house*, ou *pub*. Hoje, alguns *pubs* mantêm-se fiéis ao ambiente popular, outros tomam um aspecto que os aproxima do bar. Aqueles mais antigos, medievais, tinham uma estrebaria para os animais de carga. Na época vitoriana, eram frequentes os *gin palaces*, onde o alcoolismo grassava. Noutros *pubs*, passavam-se espetáculos teatrais. A história social e cultural britânica passou, assim, nas suas versões popular e erudita, por estes estabelecimentos (Bruning, 2001). Em particular, os *pubs* de aldeia assumiam-se como o coração da vida social local. Muitos foram palco de acontecimentos históricos, e outros reuniam-se associações literárias, de acordo com Derry Brabbs (1986). Estas casas de bebidas eram abastecidas por cervejeiros locais, que desenvolveram variadas qualidades de cerveja, tomadas no tradicional mobiliário de madeira. Os jogos eram comuns, e as lareiras reuniam, frequentemente, contadores de histórias, segundo Protz e Sykes (1992).

Na Irlanda, Dublin é uma cidade onde se bebe muito. Desde há séculos, os seus *pubs* típicos, à parte servirem de bebedouros para os animais de carga, funcionavam igualmente como mercearias, fiadores, lugares de trocas e de encontros. Neles, passaram-se acontecimentos sociais, políticos e culturais de relevo, e circulavam *habitués* famosos, como Flann O'Brien, para além de célebres cervejeiros, *barmen* e bebedores (Malone, 2001). James Joyce immortalizou alguns deles na sua obra *Ulysses*. No *Bayley*, passaram muitos nacionalistas irlandeses, como Parnelle e Michael Collins, que bebiam muito *sherry*. No *pub* literário McDaid's, pontificava Brendan Behan, como nos conta Kevin Kearns (1997).

Em França, o café constituiu-se como um dos lugares da sociabilidade mais centrais para a vida pública, desde o final do século XVIII até ao início do século XX. Aí, encontraram-se as classes médias com as classes populares e, nas conversas quotidianas, constituiu-se um espaço público em parte proletarizado. O dono do estabelecimento teve uma grande importância na sua popularização. O café acolheu tanto o sexo masculino quanto o feminino, e a sociabilidade deste estabelecimento influenciou as relações familiares, profissionais e políticas. A cultura do café passa por rituais e etiquetas específicos internos, mas também pelas percepções externas relativamente a esse local, que sofreu numerosas regulações por parte do Estado, foi objeto do discurso judicial, e tem sido narrado de múltiplas formas pelos *mass media* (Haine, 1996). Em Paris, ainda hoje o café constitui uma experiência *sui generis*. Esse estabelecimento distingue-se tanto do *bistrot*, casa de bebidas popular, quanto da cervejaria ou *brasserie*. Alguns cafés servem refeições, por vezes oferecendo uma cozinha familiar (Young, 1998).

Em meados da década de 80 do século XIX, havia 42.000 destes locais de beber em Paris. Contrariamente à passagem rápida pelo estabelecimento que caracteriza a cultura do café atual, no século XIX os parisienses passavam largos períodos de tempo no café. Em muitas destas casas de bebidas, os trabalhadores combinaram elementos da taberna do século XVIII com traços do café das classes altas, definindo identidades ou diferenças de classe igualmente em torno do consumo e do lazer. Os artistas também frequentavam assiduamente o café, como Van Gogh, que era um *habitué* do Auberge Ravoux, onde se comia amiúde frango com batatas, numa aldeia nos arredores da capital Francesa (Leaf & Leeman, 2001). Para além disso, a cultura do café gerou uma produção de objetos, decorativos e simbólicos, assinalável.

Nos EUA, os *saloons* consistiam em estabelecimentos de bebidas onde se passava grande parte da vida social e política (Duis, 1999; Noel, 1996). Por outro lado, os cafés, nos Estados Unidos, são cafés quase só de nome, ora confundindo-se com os bares, ora tomando a forma de *coffee houses* onde por vezes se passam espetáculos culturais, ora adquirindo o serviço principal de restaurante. Uma variante, corrente em meados do século XX, era o *drive-in*, estabelecimento ao ar livre em que se assiste a um filme dentro de um automóvel, e onde se toma uma refeição, normalmente comida rápida (Anderson, 1998).

Em certas cidades dos Estados Unidos, como Chicago, alguns bares mantêm, localmente, uma sociabilidade tradicional e familiar. A taberna Ed & Jeans, situada em 2032 W. Armitage Ave., tem uma dona a quem chamam regularmente “Ma”, que a mantêm com a ajuda do filho, após a morte do marido. Abre das 11h da manhã até às 22h30, para frequentadores na maioria locais, a preços baixos para a zona, mantendo no entanto um ambiente *yuppie*. É uma casa que lembra os antigos bares de Chicago, onde as pessoas da vizinhança entravam para fugir ao frio, conversar e jogar. Alguns clientes abrem a porta só para saudar a “Ma”. Ela ainda não vendeu o estabelecimento, que considera como a sua casa, malgrado numerosas ofertas. Se fechar o estabelecimento, transforma a sala grande na sua sala de estar, já que habita na parte contígua do edifício (Gordon, 2000). Em cidadezinhas do interior, como no Montana, segundo Doug Ardary (1997), algumas tabernas antigas, como a *Rocky Knob* e a *Seven Gables*, ainda hoje mantêm a tradição dos estabelecimentos de bebidas de ambiente rural.

CONCLUSÃO

Se a História é feita de histórias, estas são algumas delas, que derivam dos condicionalismos históricos e sociais, mas que também influenciam, por vezes, o desenrolar de grandes acontecimentos. Por outras palavras, a História da humanidade consiste, em grande parte, no encontro e no recontro entre os espaços privados e públicos, mas igualmente no confronto entre diversas configurações, estruturais ou conjunturais, do espaço público urbano e do seu quotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alterman, R. & Goran, C. (Eds.) (1991). *Neighbourhood regeneration: an international evaluation*. Londres: Mansell.
- Anderson, W. (1998). *Where have you gone, starlight cafe? america's golden era roadside restaurants*. Cincinnati: Anderson & Sons Pub.
- Ardary, D. (1997). *The pub crawler's guide to Montana's small town taverns. A field guide to 365 taverns in Montana's smallest communities*. Londres: Pub Crawler Promotions.
- Baldwin, N. & Carruthers, L. (1998). *Developing neighbourhood support and child protection strategies. The henley safe children project*. Farnham: Ashgate Publishing Company.
- Body-Gendrot, S. (Ed.) (2000). *Minorities in European cities. The dynamics of social integration and social exclusion at the neighbourhood level*. Basingstoke: Palgrave.
- Brabbs, D. (1986). *English country pubs*. Londres: Guild Publishing.
- Bruning, T. (2001). *London by pub*. Londres: Carlton Books.
- Commission on Global Governance. (1995). *Our global neighbourhood. the report of the commission on global governance*. Oxford: Oxford Paperbacks.
- Duis, P. (1999). *The saloon. Public drinking in Chicago and Boston 1880-1920*. Champaign: University of Illinois Press.
- Ekern, S. (1998). *Street power. Cultural & politics in Nicaraguan neighbourhood*. Nova Iorque: Lilian Barber Press.
- Fukuyama, F. (1992). *The end of History and the last man*. Londres: Hamish Hamilton.

- Gordon, T. (Ed.) (1984). *A barfly's guide to Chicago's drinking establishments*. Chicago: Barfly.
- Greenberg, M. (1999). *Restoring Americas neighborhoods. How local people make a difference*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Haine, W. (1996). *The world of the Paris café. sociability among the French working class, 1789-1914*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Henderson, P. & David, N. (2002). *Skills in neighbourhood work*. Londres: Routledge.
- Kearns, K. (1997). *Dublin pub life and lore. An oral history*. Lanham: Roberts Rinehart Pub.
- Leaf, A. & Leeman, F. (2001). *Van Gogh's table at the auberge ravoux. Recipes from the artist's last home and paintings of cafe life*. Nova Iorque: Artisan.
- Malone, A. (2001). *Historic pubs of Dublin*. Londres: Trafalgar Square.
- Noel, T. (1996). *The city and the saloon. Denver, 1858-1916*. Boulder: University Press of Colorado.
- Protz, R. & Sykes, H. (1992). *The village pub*. Londres: Weidenfeld & Nicolson.
- Rudlin, D. & Falk, F. (1999). *Building the 21st century home. The sustainable urban neighbourhood*. Londres: Architectural Press.
- Simon, D. & Burns, E. (2000). *The corner. A year in the life of an inner-city neighbourhood*. Portland: Broadway Books.
- Vasoo, S. (1994). *Neighbourhood leaders' participation in community development*. Singapura: Times Academic Press.
- Walker, A. & Warren, L. (1996). *Changing services for older people: the neighbourhood support units innovation*. Buckingham: Open University Press.
- Young, D. (1998). *The Paris cafe cookbook. Rendez-vous and recipes from 50 best cafes*. Nova Iorque: William Morrow & Co.

Citação:

Andrade, P. (2018). A cidade interdimensional e as práticas públicas quotidianas. In H. Pires & F. Mesquita (Eds.), *Publi-cidade e comunicação visual urbana* (pp. 103-110). Braga: CECS.